

Lula responde à oferta de Brizola

"Não quero ser presunçoso, mas ele não terá oportunidade de me dar um ministério." A frase é de Luiz Inácio Lula da Silva que ontem esteve em Curitiba para o lançamento da Frente Brasil Popular (PT, PV, PSB e PC do B), que sustenta a sua candidatura à Presidência. Ele respondia à declaração do candidato do PDT, Leonel Brizola, de que, se eleito, lhe daria um ministério. Lula disse que Brizola "gostaria muito que a gente o apoiasse, mas ele não quer nos apoiar".

Cerca de 1.500 pessoas lotaram o auditório do Colégio Estadual do Paraná. Ao responder a uma das perguntas da plateia, Lula comentou que a campanha presidencial será polarizada antes mesmo do segundo turno. Ele acredita que isso irá acontecer entre a sua própria candidatura e a de Fernando Collor de Mello, do PRN: "Haverá uma polarização entre setores da direita, e me parece que o Collor começa a ser o candidato ligado à direita, e setores de interesse da sociedade. E nessa polarização estará a Frente Brasil Popular".

Sobre a ascensão de Collor nas pesquisas eleitorais, Lula afirmou que a situação ainda pode mudar: "Já começam a aparecer coisas como o acordo com usineiros, contratação de funcionários em 1982 para que ele pudesse ser deputado. Collor terá que vencer tudo isso para manter o pique da campanha".

Lula descartou a possibilidade de que a disputa pela escolha do vice possa abalar a unidade da frente que o apóia. Embora defendesse a realização de prévias para se chegar ao nome do vice, ele diz que respeita a decisão dos demais partidos em estabelecer outros critérios. Essa questão, garantiu, estará resolvida no encontro nacional que será realizado entre 17 e 19 de junho: "O que temos de certo é que o vice não será um nome do PT, embora alguns setores do partido queiram a deputada Benedita da Silva (RJ)".

O candidato confirmou ainda que nem o PT nem os demais partidos que compõem a frente partirão para uma campanha de ataques aos adversários: "A não ser por critérios políticos. Como avaliar, por exemplo, se o Collor foi mesmo caçador de marajás, o que ele pensa, se está credenciado a ser presidente. Mas jamais baixar o nível como ocorreu em São Paulo, em 1986, quando os candidatos se chamavam todos os dias de ladrão. Se alguém é chamado de ladrão é preciso que exista um processo, uma investigação. Ladrão não pode sequer candidatar-se".